

A DEMONIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS E SUA RELAÇÃO COM A HERESIA A PARTIR DE DOIS MANUAIS DE INQUISIÇÃO DOS SÉCULOS XIV E XV¹

Eduardo Leote de Lima²

RESUMO: O final do período medieval foi tempo de uma intensa mobilização da cristandade, capitaneada pela Igreja Católica, contra supostos inimigos internos. É neste momento que se reforça o que significa ser um bom cristão, e a esta imagem construída dos seguidores de Cristo se opõe sua sombra distorcida, aqueles que fogem do padrão, os desviantes. Os principais grupos que podemos enquadrar nesta categoria, e que se tornaram o principal alvo da Igreja no período, foram as bruxas e os hereges. O presente trabalho apresenta uma breve análise sobre este último grupo, buscando compreender o que de fato eram as heresias, qual sua relação com a figura do Demônio e como podemos compreendê-la a partir da discussão sobre o conhecimento no período.

Palavras-chave: Demônio. Heresia. Conhecimento. Manuais de Inquisição.

THE DEMONIZATION OF KNOWLEDGE AND ITS RELATION WITH HERESY FROM TWO INQUISITION MANUALS FROM THE 14TH AND 15TH CENTURIES

ABSTRACT: The end of the medieval period was a time of an intense mobilization of Christianity, led by the Catholic Church, against alleged internal enemies. It is at this point that what it means to be a good Christian is reinforced, and to this constructed image of the followers of Christ is opposed its distorted shadow, those who escape the pattern, the deviant. The main groups that we can fit into this category, and that became the main target of the Church in the period, were witches and heretics. This paper presents a brief analysis of this last group, trying to understand what heresies really were, what their relationship with the devil is and how we can understand it from the knowledge's discussion in the period.

¹ O presente trabalho é fruto de parte das reflexões expostas no primeiro capítulo do Trabalho de Conclusão de Graduação do autor, denominado *Personificando o Mal: Analisando a Representação do Demônio em Manuais de Inquisição dos séculos XIV e XV*, defendido em 2018, orientado pelo Prof. Dr. Francisco de Paula Souza de Mendonça Jr.

² Mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Maria. (UFSM). Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela mesma instituição. Membro do Grupo de Estudos em História Medieval e do Renascimento – Virtù/UFSM. E-mail: eleotlima@hotmail.com.

Keywords: Devil. Heresy. Knowledge. Inquisition Manuals.

Erros e Mentiras

Mestre na sutileza da perversidade, senhor das artes malignas, o pai dos erros e das mentiras. É assim que o Demônio é descrito em alguns momentos do talvez mais famoso Manual de Inquisição da história, o *Malleus Maleficarum*. Parece inegável que parte fundamental da trajetória da figura demoníaca rumo a sua fixação como grande inimigo da cristandade tenha passado por sua associação constante com os mais negativos elementos daquela realidade: pecados, vícios, desvios, Inferno, Mal, ideias que passaram a estar sob as asas de Satanás, sendo indissociáveis de sua figura. Tendo atravessado oceanos – dentre eles talvez o de mais difícil travessia, o tempo –, essa construção do Diabo maligno se disseminou por diferentes culturas, sobreviveu às mais diferentes realidades e ainda hoje se apresenta como importante elemento explicativo de nossa sociedade.

Porém, qualquer análise histórica minimamente pertinente sobre o Demônio no período deve ultrapassar o que está na superfície aparentemente uniforme do discurso institucional da Igreja, mergulhando em direção ao fundo, até então obscuro, do problema. O caminho mais seguro para isso perpassa por demolir esta construção demoníaca arquitetada pela Igreja, desvelando o que está escondido em suas fundações, tentando alcançar as raízes deste mal que tanto assola a cristandade. Desta maneira, talvez a primeira pergunta que precisemos fazer é o que, afinal, significam, para aquela sociedade, os “erros” e “mentiras”, constantemente associados à Satã?

A resolução que melhor se apresenta para este questionamento pode ser resumida em uma simples palavra: *conhecimento*. Ou, caso queiramos nos aventurar pelo terreno dos sinônimos, podemos falar em saberes, compreensões, entendimentos, percepções, e mais tantos outros que da mesma forma ilustrariam o sentido a ser passado aqui: conhecimento tanto no sentido de diferentes interpretações diante do mundo, diferentes percepções e apreensões da própria realidade, quanto no sentido de saberes estabelecidos ou áreas de estudo. Não é, portanto, de qualquer tipo de conhecimento que falamos aqui, mas sim de determinadas formas que fugiam do controle da Igreja e representavam uma ameaça ao *status quo*, sendo, por isso, demonizadas e consideradas nefastas. O crescimento dos casos de heresia e, posteriormente, de bruxaria – ou seja, o incremento

dos erros e das mentiras – colocou a cristandade em alerta diante da proliferação dos inimigos da Igreja, ao passo que o Diabo passava a representar o ponto em comum a todos eles, o elo em torno do qual se reuniam estes opositores. Satã era não apenas a cabeça de uma cristandade às avessas, que tinha como objetivo destruir a humanidade, mas também foi colocado em uma posição privilegiada de detentor e fonte de conhecimento e poder.

Ademais, é inútil argumentar que todo efeito das bruxarias é fantástico ou irreal, *pois não poderá ser realizado sem que se recorresse aos poderes do diabo*: é necessário, para tal, que se faça um pacto com ele, pelo qual a bruxa de fato e verdadeiramente se torna sua serva e a ele se devota - o que não é feito em estado onírico ou ilusório, mas sim concretamente: a bruxa passa a cooperar com o diabo e a ele se une. Pois que aí reside toda a finalidade da bruxaria; se os malefícios são infligidos por mau-olhado, por fórmulas mágicas ou por algum outro encantamento, tudo se faz através do diabo (Kramer e Sprenger, 1991 [1484]³, p. 55, grifo nosso).⁴

Deve-se distinguir três tipos de invocação ao diabo, se se toma como base o livro intitulado *As tábuas de Salomão*, onde os demônios invocados juram dizer a verdade (exatamente como prestamos juramento em cima dos Evangelhos, e os judeus em cima das Tábuas da Lei que Deus entregou a Moisés), livro que ousa *afirmar o poder de Lúcifer e dos outros diabos*, e que contém orações abomináveis reveladas pelo próprio Lúcifer e por outros demônios (Eymerich, 1993 [1376], p. 54, grifo nosso).⁵

É importante salientar que, quando falamos aqui de conhecimentos, de forma geral, entramos em um ponto delicado. Isso porque não estamos nos referindo ao que Jacques Verger trata em seu livro, *Homens e Saber na Idade Média*, como “saberes legítimos” (Verger, 1999, p. 38), nem dos mesmos sujeitos sociais dos quais essa mesma obra trata, ou seja, destes “homens do saber”, ou “*Gens de savior*”; como o autor se refere

³ No caso das citações das fontes, as datas que aparecem logo após o nome dos autores é a data de publicação da versão utilizada, e a data que aparece entre colchetes é a data original de publicação. Utilizamos esse sistema para situar o leitor sobre a realidade das fontes.

⁴ Escrito no século XV, mais especificamente por volta do ano 1484, pelos inquisidores dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, na Alemanha, em cumprimento a bula papal de Inocêncio VIII, o *Malleus Maleficarum* é provavelmente o mais conhecido Manual de Inquisição, principalmente por conta de sua importância no contexto de caça às bruxas do período moderno. Dividida em três partes, a obra se propõe a discutir sobre a existência de bruxaria enquanto forma específica de heresia, sua natureza, a relação com o Demônio, os malefícios que as bruxas poderiam provocar e as melhores maneiras de combater este mal que, segundo os autores, assolava a cristandade.

⁵ O *Directorium Inquisitorium*, escrito no século XIV, por volta do ano de 1376, pelo também dominicano Nicolau Eymerich, por sua vez dedica suas páginas a tratar de diferentes tipos de heresias e de como a Igreja deveria tratá-las. Esta obra parece ser muito mais “técnica” do que o *Malleus*, uma vez que foca mais nos aspectos do processo inquisitorial em si do que em uma discussão de caráter mais teológico, que é o caso do outro Manual.

(Verger, 1999, p. 16). O próprio Verger aponta para a dificuldade de se dimensionar os elementos de uma Cultura popular (Verger, 1999, p. 62), uma vez que esta nos deixou menos fontes históricas disponíveis para que falemos dela. Sendo assim, quando nos aventuramos a utilizar o termo *conhecimento* às formas de compreensão e de relação com o mundo que determinados grupos estabelecem, estamos nos propondo a preencher os vácuos transpondo as reflexões desenvolvidas a respeito dos “homens de saber”; para outras realidades que não a destes. Assim, se Verger apresenta que teologia, medicina e direito eram “as disciplinas cujo domínio, com maior ou menos impulso, caracterizavam verdadeiramente os homens de saber no Ocidente do fim da Idade Média” (Verger, 1999, p. 47), sendo consideradas disciplinas superiores, por que não podemos entender que diferenças interpretações das Escrituras - que eram sumariamente compreendidas enquanto heresias - não eram também uma forma de saber, da mesma forma que o reforço da doutrina católica através do estudo da teologia o era? Por que não considerar que o entendimento sobre práticas de cura que determinadas pessoas pudessem apresentar - e que foram lidas como bruxaria - fossem também formas de conhecimento, da mesma forma que a medicina era enxergada? Essas são as reflexões que fazemos aqui, e é nesse sentido que utilizamos o termo conhecimento.

De qualquer forma, a ideia de Satã enquanto fonte de conhecimento e poder é sustentada por diversos trechos dos Manuais, como os dois citados acima. Podemos notar em ambas as passagens a ideia cimentada de que o Diabo é a origem dos poderes de seus asseclas, sendo tão essencial nesse sentido que, como dito no fragmento do *Malleus* acima, *tudo se faz através dele*. Assim, todos os males provocados por heresia e bruxaria eram, direta ou indiretamente, obras do Demônio, que delegava poderes e conhecimentos para seus agentes terrenos empreenderem o desvirtuamento da humanidade. É na medida em que analisamos o que de fato seriam heresias e bruxarias que a demonização⁶ de conhecimentos melhor se desenha e elucida. Neste artigo, nos deteremos a compreender a questão das heresias e sua relação com a tão temida e terrível figura do Diabo.

⁶ Com demonização entendemos todo e qualquer esforço sumário de associar determinado elemento, objeto, pensamento, ser, etc., à figura do Diabo, e, conseqüentemente, retirar deste qualquer resquício de legitimidade, unindo-o ao conjunto de coisas passível de ser combatido e vencido em nome de Deus. Como vimos nas citações anteriores, é recorrente a concepção de que os desviantes da moral cristã católica se associem com o Demônio de alguma forma, garantindo dele poderes e saberes. Se o Diabo era o grande inimigo da cristandade, qualquer elemento que ameaçasse a obra de Deus era entendido como uma afronta de Satã, sendo prontamente a ele associado. Era, portanto, demonizado.

Heresias, Conhecimentos e Demônios

O que seriam as heresias? Jennifer Deane (2011), em *A history of medieval heresy and inquisition*, apresenta a questão como sendo todas as correntes de pensamento que se opusessem à ortodoxia, ou seja, à doutrina oficial adotada pela Igreja. Existe, portanto, uma relação intrínseca entre os dois conceitos opostos: a heresia apenas existe onde existe ortodoxia, do mesmo modo que esta última só se configura enquanto tal a partir da existência da primeira. Heresia é, portanto, um conceito dialético e flutuante, assim como "é uma categoria artificial projetada por autoridades que se consideravam por definição como 'ortodoxas' ou 'não heréticas'" (Deane, 2011, p. 2, tradução nossa)⁷. Quanto mais sistematizada está a ortodoxia, mais provável é a proliferação de correntes heréticas. Ao mesmo tempo, quanto mais a heresia toma forma, mais a Igreja se mobiliza em torno da doutrina, defendendo a ortodoxia.

Etimologicamente, a palavra heresia (em latim *haeresis*) é proveniente do grego *haíresis*, que significa "escolha", "opção" (Deane, 2011, p. 4). A partir da etimologia podemos compreender a dimensão mais importante da heresia: ela é a "desobediência enraizada no orgulho e rejeição voluntária da ortodoxia após a correção: a escolha deliberada do erro sobre a verdade" (Deane, 2011, p. 4, tradução nossa)⁸. Dito de outra forma, para heresia se configurar enquanto tal não basta ser diferente da ortodoxia: tem que ser uma *escolha consciente* de fugir da doutrina em prol de outro tipo de pensamento. O herege é aquele que conhece a ortodoxia, mas deliberadamente desenvolve um tipo de pensamento que difere da mesma.

O *Directorium Inquisitorum* estabelece uma conceituação que segue o mesmo sentido. Segundo Eymerich, a palavra "heresia" poderia ter um triplo significado: o primeiro viria de "eleger" (*eligo*), e "com razão, pois o herético, ficando entre uma verdadeira e uma falsa doutrina, nega a verdadeira e 'escolhe' como verdadeira uma doutrina falsa e perversa. Portanto, é evidente que o herético 'elege'" (Eymerich, 1993 [1376], p. 31). O segundo viria de "aderir", sendo, portanto, o herético, "quem adere com convicção e obstinação a uma falsa doutrina considerada como verdadeira" (Eymerich, 1993 [1376], p. 31). Finalmente, a terceira viria de "dividir", "separar", pois "o herético, ao escolher uma falsa doutrina [...] isola-se e afasta-se, espiritualmente, de sua

⁷ is an artificial category designed by authorities who regarded themselves by definition as "orthodox" or "notheretic" (DEANE, 2011, 2).

⁸ disobedience rooted in pride and the willful rejection of orthodoxy after correction (DEANE, 2011, 4).

comunidade, de onde será imediatamente separado através da excomunhão” (Eymerich, 1993 [1376], p. 31). Para o autor está muito claro que heresia compreende, invariavelmente, estas três dimensões, e todas elas apontam para a escolha consciente em cair no erro.

Tal dimensão da heresia é essencial: se ela é a escolha deliberada pelo erro, isso significa pressupor que o herege eventualmente trilhou o verdadeiro caminho da fé antes de adentrar, por própria escolha, nas tortuosas trilhas do erro, e, portanto, antes de se desvirtuar. Uma vez que Satã era a figura que paulatinamente crescia no Imaginário Cristão e que tinha como objetivo final destruir a cristandade – preferencialmente de dentro para fora –, estava preparado o terreno para sua associação com os hereges.

Nesse sentido, é preciso levar em conta a realidade que se apresentou a partir do século XII, de rápida multiplicação das heresias, que pareceram ganhar fôlego renovado. Por um lado isso foi resultado da afirmação da ortodoxia, que encontrou florescimento no período: na medida em que a Igreja construía e fundamentava sua doutrina, abria espaço para divergências, para as heresias. Por outro, o fenômeno em grande parte se assentou em uma negação da autoridade eclesiástica diante da ambição e da corrupção que esta apresentava. André Vauchez, medievalista francês especializado na história da espiritualidade cristã, no livro *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*, nos ilustra um pouco esta discussão. O autor apresenta a ideia da existência de “dois filões espirituais da heresia do século XII” (Vauchez, 1995, p. 102). Um, de caráter muito mais disciplinar do que doutrinário, que divergia muito mais das práticas da Igreja do que de seus dogmas. Estava pautada na ideia da “necessidade de coincidência entre a palavra evangélica e a ação que tenta realiza-la nesse mundo” (Vauchez, 1995, p. 102). Já outro acreditava que “a renovação necessária do cristianismo devia ser acompanhada por um questionamento de todo o corpo de doutrinas ensinadas pela Igreja” (Vauchez, 1995, p. 102), e nesse caso, propunham uma alternativa muito mais radical à Igreja, atacando os próprios fundamentos desta. Isso significa que a Igreja estava ao menos parcialmente desacreditada, tanto em sua teoria quanto em sua prática. Não é a toa que ambos os grupos heréticos apresentados por Vauchez parecem ter em comum “a recusa de uma salvação que dependeria da mediação da Igreja visível e do sacerdócio institucional” (Vauchez, 1995, p. 103).

Heresias seriam, então, os “erros e mentiras” que deveriam ser suprimidos a qualquer custo; eram interpretações, fés e crenças – e, portanto, o que entendemos aqui como *conhecimentos* – sobre diversos elementos do Cristianismo, que divergiam da

versão oficial defendida pela Igreja, e que passaram a ser creditadas a Satã na medida em que se aumentava o medo e a ameaça provocada por sua figura. Este medo, que segundo Jean Delumeau, historiador francês especializado em estudos sobre a história do cristianismo, em sua *História do Medo no Ocidente*, é cada vez mais generalizado, inclusive incrementa ainda mais, aos olhos da cristandade, o perigo representado pelas heresias, que passaram a parecer “a conduta condenável por excelência, a fonte de todas as desordens” (Delumeau, 2009, p. 588). Aqui adentramos a outra dimensão da heresia: o papel dismantelador que esta adquire dentro da cristandade. Ora, se a heresia é o erro escolhido de forma deliberada em detrimento do verdadeiro caminho, e se conseqüentemente as formas heréticas colocam em dúvida as estruturas da Igreja, ameaçando sua hegemonia, isso significa que nasce, no seio da cristandade, a lógica do inimigo interno. A noção de que o “traidor de dentro é pior que o inimigo de fora” (Delumeau, 2009, p. 595) vai alicerçar a ideia de que uma espécie de câncer cresce dentro da própria cristandade, uma sociedade maligna dentro da sociedade cristã, que ameaça o bom funcionamento do organismo social e a própria obra de Deus:

Existe uma lógica interna de suspeita. Em uma situação de estado de sítio – no caso, a ofensiva demoníaca que duplica sua violência antes dos prazos apocalípticos – o poder político religioso, que se sente frágil, é levado a uma superdramatização e multiplica à vontade o número de seus inimigos de dentro (Delumeau, 2009, p. 589).

Isso tem um impacto direto na questão dos conhecimentos nefastos: toda a argumentação construída neste artigo gira em torno da ideia de que estes na verdade são formas de saberes, cultos, tradições culturais e etc, que fogem do controle da Igreja. Nesse sentido, esta série bastante heterogênea de elementos que abrigamos aqui sob a alcunha de *conhecimentos* rivalizam em força e estabelecem diferentes relações de poder com a doutrina oficial da Igreja, alicerce da instituição e de sua atuação na sociedade. No caso específico das heresias, são discursos que divergem totalmente da prática da Igreja ou até mesmo de seus dogmas. Essa rivalidade demonstra que dentro da própria área de influência da cristandade, existem verdadeiros “bolsões culturais” que ainda não foram hegemonizados e trazidos para dentro da narrativa cristã católica. As atitudes consideradas heréticas – e também as de bruxaria – funcionavam como fontes paralelas de poder ao domínio da Igreja. E ainda que, obviamente, estes casos em grande parte das vezes não tivessem nenhuma relação uns com os outros, sendo manifestações pontuais e

isoladas da inconstância da influência exercida pela instituição, são vistos por esta como provenientes de uma única figura: o Diabo. Assim sendo, o Demônio passa a ser *a fonte*, no singular, de poder paralelo, que encabeça uma “sociedade às avessas”, ou “sociedade alternativa”, composta por todos os seus seguidores, hereges e bruxas, que tem como grande finalidade destruir a cristandade de dentro para fora, e que fazem isso se utilizando de toda esta série de conhecimentos considerados nefastos. Conhecimento e poder têm, aqui, verdadeiramente, uma relação muito intrínseca.

Esta associação de hereges com o Demônio, contudo, não foi – e nem poderia ser – mecânica e automática. Exemplo disso, o *Directorium Inquisitorum*, da segunda metade do século XIV, em nenhum momento, seja de forma implícita ou explícita, apresenta a ideia de que Satanás é a força motriz de todo e qualquer tipo de heresia, independente de qual seja. Inclusive, o Diabo é um personagem que aparece timidamente nas páginas deste manual, fazendo o papel de coadjuvante que pouco acrescenta para o desenvolvimento da obra – o que é reflexo da entrada lenta da figura demoníaca no palco dos discursos e representações da cristandade no período. As limitadas menções tratam da relação de Satã com os videntes e, obviamente, dos demonólatras. Porém, cerca de um século depois, o *Malleus Maleficarum* desenha um Demônio totalmente diferente, um antagonista poderoso, verdadeiro mestre dos conhecimentos nefastos:

É preciso observar especialmente que essa heresia –a da bruxaria – difere de todas as demais porque nela não se faz apenas um pacto tácito com diabo, e sim um pacto perfeitamente definido e explícito que ultraja o Criador e que tem por meta profaná-lo ao extremo e atingir Suas criaturas. Pois que em todas as demais heresias não há pacto com o demônio, seja tácito ou explícito, *embora seus erros e suas falsas doutrinas sejam diretamente atribuídos ao Pai dos erros e das mentiras.* (Kramer e Sprenger, 1991 [1484], p. 77, grifo nosso).

Ainda que a interferência do Demônio não seja tão explícita no *Directorium Inquisitorum*, é possível, a partir da noção presente na citação acima, relacionar no Manual esta figura às heresias, e, conseqüentemente, ao conhecimento. Ao tratar dos adivinhos e dos videntes, o autor pontua que os heréticos são “aqueles que, para predizer o futuro, ou para penetrar no íntimo das pessoas, *prestam um culto de adoração ou veneração ao diabo*, batizam crianças de novo, etc” (Eymerich, 1993 [1376], p. 52, grifo nosso), ou seja, pinta a adivinhação como uma arte inerentemente maligna, e, portanto, herética, uma vez que o Demônio é parte fundamental do processo. O mesmo acontece

em outra parte do manual, quando Eymerich trata dos sinais pelos quais certos tipos de hereges podem ser reconhecidos. Dentre eles estão os necromantes, que o autor afirma que “são, manifesta ou secretamente, adoradores do diabo” (Eymerich, 1993 [1376], p. 133), além de relacioná-los com certas áreas de conhecimentos, como a já citada adivinhação, bem com a alquimia e a astrologia, pontuando que os seguidores de todas estas praticas, “quando não conseguem os seus fins, pedem conselho ao diabo, suplicando-lhe e invocando-o. E, se suplicam, veneram, evidentemente” (Eymerich, 1993 [1376], p. 133). A situação toma outras dimensões quando o autor também defende que estes praticantes não conseguem seus fins de qualquer forma, porque tentam acessar algo que está apenas ao alcance de Deus. Portanto, a fuga da heresia é impossível a estas pessoas, mesmo quando elas, aparentemente, não pedem socorro ao Demônio:

Há heresia – e, conseqüentemente, necessidade de intervenção do inquisidor – em todos esses sortilégios utilizados comumente para encontrar objetos desaparecidos, e onde entram velas bentas ou água benta, ou ainda enunciação de versículos das Escrituras, de Credo ou do Pai-Nosso etc. Isso advém do próprio fato de que, se se tratasse de adivinhação, pura e simplesmente, não seria preciso recorrer ao sagrado (Eymerich, 1993 [1376], p. 54).

Podemos apontar, então, que “todo sagrado não oficial é considerado demoníaco, e tudo que é demoníaco é herético, não sendo o contrário menos verdadeiro: toda heresia e todo herético são demoníacos” (Delumeau, 2009, p. 592). Consolida-se assim a inescapabilidade de muitos à categoria de hereges, que de uma forma ou de outra, serão criminalizados pela Igreja: a aproximação de certos tipos de conhecimentos à figura de Satã passa então a ser automática e não mais passível de dúvida ou contestação.

As questões da invocação e da veneração, trazidas em uma das citações anteriores do *Directorium Inquisitorum*, merecem também atenção especial. Em outro momento da obra, o autor pontua que:

[...] se o invocador espera do diabo qualquer coisa que ultrapasse os limites e os poderes da própria natureza do invocado (*conhecer o futuro, ressuscitar os mortos, prorrogar a vida, levar alguém ao pecado, etc.*), estará confessando sua própria heresia, já que estará *tratando o diabo como uma divindade*. (Eymerich, 1993 [1376], p. 56, grifo nosso).

Podemos elencar dois pontos dessa passagem: primeiro, obviamente, a listagem curta, porém pertinente, de certas formas de conhecimentos – adivinhar o futuro,

ressuscitar os mortos, prolongar a vida – que são colocados aqui como alcançáveis através da relação com Satã; segundo, o tratamento de divindade destinado a Satã, que nas entrelinhas representa uma dimensão muito mais sutil de sua associação com o conhecimento. Ora, tendo em vista que “o entendimento humano é governado por Deus por intermédio dos Anjos” (Kramer e Sprenger, 1991 [1484], p. 101), e levando em conta a própria noção d’Ele que a cristandade daquele contexto detém – uma figura de infinita bondade, justiça e, o mais importante para esta discussão específica, sabedoria –, é fácil compreender que o papel de detentor de conhecimentos é na verdade do Altíssimo. Um dos elementos característicos da adoração a Ele parece ser exatamente em relação ao conhecimento, que Este transmite para a humanidade através da Palavra, das revelações, da iluminação divina, etc. Contudo, ao adorar o Demônio como divindade, a sua associação com o conhecimento ganha novas camadas, mais profundas e sutis das que frisamos até então, pois ele ocuparia um espaço normalmente designado a Deus, como destinatário de cultos e de adoração, e que por sua vez compartilharia o conhecimento que detinha para seus adoradores. Obviamente, a Igreja considera esta relação de submissão ao Diabo como herética – uma das mais terríveis heresias, inclusive –, tal como compreende estes conhecimentos provenientes de Satã como igualmente heréticos e terríveis (Eymerich, 1993 [1376], p. 55-56).

Há ainda um terceiro elemento que podemos destacar da citação do *Directorium*, e que nos apresenta outra dimensão do tema: “se o invocador espera do diabo qualquer coisa que ultrapasse os limites e os poderes da própria natureza do invocado” (Eymerich, 1993 [1376], p. 56, grifo nosso), então ele seria um herege. Seguindo essa lógica, se o diabo fosse invocado para desempenhar seu próprio papel enquanto promotor do mal, não haveria então heresia? É o que, de forma ainda mais explícita, será defendido posteriormente no Manual: “existe heresia, se, na invocação, o invocado (o demônio) é tratado como o Criador; caso contrário, falaremos de pecado, e não de heresia.” (Eymerich, 1993 [1376], p. 134).

O que podemos notar, em resumo, é uma mudança na visão sobre o Demônio: ele torna-se mais ameaçador, perigoso, até mesmo mais poderoso, porque se antes ele era uma figura de atuação limitada, como suas tímidas aparições no *Directorium Inquisitorum* nos apontam, depois ele passou a ser responsável por tentar levar a todos para a perdição, por todos os tipos de heresia, que passam a ser obra demoníaca, como no *Malleus Maleficarum*. E o conhecimento parece ter sido a grande arma utilizada pelo Diabo, afinal, os hereges não foram o único grupo acusado pela Igreja de conluio

demoníaco: tal qual Adão e Eva que, seduzidos pelo poder de Satã, provaram do conhecimento e provocaram a queda da humanidade, as bruxas seriam enfeitizadas pelas promessas de conhecimentos e poderes nefastos, tornando-se as maiores agentes do Demônio em sua incessante missão de desvirtuar a cristandade. A associação entre heresias – entendidas, portanto, como formas diversas de conhecimento – e o demônio foi o prelúdio para o que viria a seguir: o enfrentamento da bruxaria.

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias:

EYMERICH, N. *Directorium Inquisitorum*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1993 [1376]. 2ª ed.

KRAMER, H; SPRENGER, J. *Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991 [1484]. 2ª ed.

Bibliografia Crítica:

BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.

DEANE, Jennifer Kolpacoff. *A history of Medieval Heresy e Inquisition*. United Kingdom: Rowman & Littlefield Publishers, 2011.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: EDUSC, 1999.